



ARTIGO

As esquinas da globalização

RUBENS PENHA CYSNE



Ao contrário do que estabelece parte do imaginário popular, trocas nas quais uma das partes ganha não implica que a outra parte tenha perdido. Esse tipo de raciocínio se justifica, por exemplo, se uma pessoa com um par de chinelos encontra outra com par idêntico e o toma à força.

Mas não ocorre se, na esquina dos bens complementares (ao invés de substitutos, como no caso acima) uma pessoa com dois chinelos para o pé esquerdo encontra outra com dois chinelos idênticos, só que para o pé direito. Nesse caso, é óbvio que ambos podem ganhar com a troca.

Há um nível ainda mais profícuo para interações. No exemplo anterior, o total de pares de chinelos completos possuídos pelos dois indivíduos tomados em conjunto permanece constante (igual a dois) antes e depois da troca. Mas isso não precisa necessariamente ocorrer. Se, na esquina das ideias, um indivíduo com duas ideias encontra outro com duas ideias distintas,

ambos podem sair do encontro com quatro ideias cada um. Para não falar das novas sinapses potenciais daí decorrentes.

Em seu livro "Política", Aristóteles escreveu que "o homem é, por natureza, um animal político". Os dois últimos encontros citados tendem a justificar a afirmativa de Aristóteles. Tanto aquele que se dá na esquina da complementariedade (onde, como no exemplo, chinelos de pé esquerdo se trocam com chinelos de pé direito), quanto aquele relativo à esquina das ideias (ou tecnologias).

Há um terceiro tipo de argumento a justificar o argumento do homem como animal social e político. Ele ocorre na esquina do referenciamento exterior. Em prol da clareza do argumento, pode ser útil uma rudimentar analogia com a física.

Dois indivíduos, tomados em separado, não conseguem, cada um deles, se erguer do solo puxando os próprios cabelos. Trata-se do princípio enunciado nos cursos de física como "forças internas não alteram o sistema". Mas, cada um a seu tempo, consegue elevar o indivíduo vizinho dessa forma, ou seja, puxando os cabelos do outro.

Seres humanos precisam de referencia-

mento externo. Não adianta ir para o espelho e dizer "você é o máximo, eu te amo". Seria como o indivíduo tentando se erguer do solo puxando os próprios cabelos. O autorreferenciamento não funciona. Tem que vir de fora. Talvez porque a natureza implicitamente reconheça favores de opinião de outrem como um seguro válido para casos de perda de saúde ou envelhecimento.

Ou seja, é preciso caminhar até a esquina do referenciamento exterior. Trata-se de uma terceira esquina a embasar a afirmativa de Aristóteles. Pessoas precisam de pessoas não apenas para trocar bens e serviços complementares, mas também para trocar ideias profícuas e sentimentos mútuos de aprovação.

Até aonde essas observações de natureza individual se estendem para grupos convivendo em determinada região geográfica é ponto em aberto. Mas é válido afirmar que, quanto mais amplo o alcance de um indivíduo a outros indivíduos, maiores as chances de ele encontrar uma esquina que possa lhe ser útil por possibilitar trocas de bens, ideias ou sentimentos complementares.

Mas, se as ampliações de escopo reduzem restrições e possibilitam trocas mais am-

plas, porque processos como, por exemplo, globalização, geram reações negativas em determinados setores?

Uma primeira resposta possível é que todo o raciocínio anterior apenas compara situações distintas, sem entrar no mérito dos custos associados à transição da sociedade do ponto onde se encontra até a nova situação desejada. Segundo, quando se passa da introspecção individual à análise de um grupo de indivíduos, há que se considerar a heterogeneidade de perdas e ganhos individuais ao longo da transição.

Exemplificando esses dois argumentos, mais abertura ao exterior como parte de um processo de globalização, embora ampliando possibilidades de trocas complementares, pode gerar desemprego transitório daqueles empregados nos setores de substituição de importação. Alguns ganham e outros perdem, podendo-se esperar maior ativismo político dos perdedores.

Organizações prévias da sociedade no sentido de mitigar tais perdas podem ser recomendáveis nesses casos.



Rubens Penha Cysne é professor da FGV EPGE